

Citibank: uma avaliação positiva das primeiras conversas.

O primeiro dia da série de negociações entre o governo brasileiro e os bancos credores, em Nova York, foi considerado de conversas positivas pelo representante do Citibank, Bill Rhodes. Ele, no entanto, se recusou a tecer maiores comentários a respeito do longo encontro que o comitê dos bancos teve com o assessor especial do Ministério da Fazenda, Fernando Bracher, e com o diretor da Dívida Externa do Banco Central, Francisco de Pádua Seixas.

Os dois negociadores brasileiros também foram vagos ao relatar o resultado das conversações. Bracher salientou que o Brasil está disposto a fazer todos os esforços condizentes à normalização das relações com os bancos, "mas essa é apenas uma reunião preliminar, onde estudamos como levar as negociações o mais depressa possível". Ele se recusou também a fornecer números, mas disse que não havia recebido qualquer carta de propostas por parte do comitê dos bancos. "Não discutimos números ou datas. Falamos no pagamento de uma quantia simbólica que represente o fim da moratória, mas não sobre de quanto ela vai ser. Pedimos um reescalonamento da nossa dívida com uma taxa de juros fixa, talvez 8%, mas queremos que seja a longo prazo."

Um dos tópicos que recebeu destaque nas conversações foi de como contornar o problema do Icerc, o órgão americano que analisará a qualidade dos créditos ao Brasil, de 26 a 30 de outubro próximo, em Washington. Bracher concorda que um possível rebaixamento desses créditos para a cate-

goria **Value Impaired**, ou valor prejudicado, pode ter consequências para o País, embora ele diga que essas consequências não são claras ainda.

A questão sobre se o Brasil irá ou não ao FMI também teve seu espaço. "Nós não iremos ao Fundo por imposição do comitê dos bancos ou pressionados por eles. Poderemos considerar a possibilidade, se eventualmente acharmos conveniente, mas de forma alguma a questão do acordo com os credores está condicionada a irmos ao FMI", declarou Bracher.

Embora o encontro não tenha decidido cifras ou prazos, ele foi longo, se prolongando por quase toda a sexta-feira. Dessa vez o local da reunião foram as novas instalações da firma de advocacia Sherman & Sterling, que assessora o comitê dos bancos nas questões técnicas da pauta de negociações. O lado brasileiro foi representado, além de Bracher e Seixas, pela firma Arnold & Porter, cujos advogados sentam à mesa com o resto da delegação. O ambiente fora da sala de reuniões estava feio, e não foi dado acesso à imprensa, que teve que esperar no saguão do prédio por maiores informações. Bracher afirmou que as negociações continuarão "até o final do ano, pois estamos apenas no início". Sabe-se, no entanto, que a próxima reunião com os bancos será na segunda-feira, a partir das 10 horas, quando é possível que o presidente do Banco Central, Fernando Milhet, esteja presente, embora sua vinda ainda não tenha sido confirmada.

**Beatriz Guimarães,
de Nova York.**